

O COMPLEXO PATERNO NA PSIQUE FEMININA E A SUA INFLUÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS NUMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Maria Inês Orsoni Chagas
Terezinha Calil Padis Campos (O)

RESUMO: Este trabalho objetivou buscar na teoria junguiana dos complexos, bem como na compreensão de conceitos propostos por Jung, como pode estar configurada na mulher a figura masculina. Segundo os conceitos junguianos, essa configuração interna constela objetivamente o tipo de homem com quem a mulher vai se relacionar. O animus é o masculino na mulher e ele deriva do arquétipo do Pai, constituído predominantemente pela figura paterna, mas também pelas demais figuras masculinas ligadas afetivamente à mulher, no decorrer de seu desenvolvimento. Buscou-se também compreender como pode estar o imaginário feminino contaminado ainda com conceitos retrógrados acerca da caracterização dos papéis masculino e feminino, bem como do estilo da relação homem/mulher, a despeito das mudanças paradigmáticas nos tempos recentes. O princípio feminino toma vulto no consciente coletivo, em alguns casos de forma exacerbada, numa enantiodromia que até então privilegiava o patriarcado, envolvendo os relacionamentos e o espaço social ocupado pela mulher e a sua liberdade sexual. Vê-se, portanto, que o animus, enquanto elemento psíquico, acompanha esses movimentos evolutivos individual e coletivamente, e que o desenvolvimento pessoal da mulher só se dará a partir da união intrapsíquica desse elemento em sua subjetividade, numa espécie de “casamento interior”.

Palavras-chave: complexo paterno, animus, projeção, casamento interior

THE FATHER COMPLEX IN THE FEMINE PSYCHE AND ITS INFLUENCE ON THE HETEROSEXUAL RELATIONSHIP, AN APPROACH FROM THE ANALYTICAL PSYCHOLOGY.

ABSTRACT: Through the Jungian theory of complexes and the comprehension of concepts proposed by Jung, this work aimed at finding out how the masculine figure can be represented in the woman. According to the Jungian concepts, this inner representation objectively shows the type of man to whom the woman is going to relate. The *animus* is the masculine side of the woman and derives from the Father's archetype, formed mainly by the paternal figure, but also by the other masculine figures emotionally connected to the woman along her development. Another aim was to understand how the feminine imagination can be still contaminated with retrograde concepts around the characterization of the masculine and feminine roles, as well as around the man/woman relationship style, in spite of the paradigmatic changes occurred in the present times. The feminine principle grows in size in the collective consciousness, sometimes in an exacerbated way, in an *enantiodromia* that till then privileged the patriarchy, involving the relationships and the social space occupied by the woman and her sexual liberty. Therefore, we can notice that the *animus* as a psychic element follows these evolutionary movements individually and collectively, and that the personal development of the woman will only happen from the intrapsychic union of this element in its subjectivity, in a kind of *inner marriage*.

Key words: paternal complex, animus, projection, inner marriage.

Em nossa época, a busca da humanidade por conhecimentos produziu conquistas admiráveis. O homem chegou à Lua; fazemos corações artificiais. Mas no fim das contas, o que as pessoas mais esperam da vida é simplesmente amar e ser amado, e ninguém ainda foi capaz de descobrir o que faz uma relação humana dar certo. Deus é testemunha que tentamos. Criamos a liberdade sexual, o controle da natalidade, os bares para solteiros, encontros por computador, mas essas soluções externas não deram em nada. Não passa um dia em que um analista não encontre alguém de coração partido. (Von Franz, 1992b, p.196)

“Crescei e multiplicai-vos”. Para atender a essa determinação divina, fundamental para a manutenção da espécie humana, o homem e a mulher devem unir-se, ainda que uma única vez. No decorrer da história da humanidade, as regras estabelecidas para essa união foram alterando-se, passando entre os movimentos que visavam a preservação da ordem moral e

os de busca pela felicidade pessoal. Mas parece que, por mais liberais que se tenham tornado as regras sociais, que atualmente facilitam a aproximação entre as pessoas e não obrigam os casais a uma relação permanente, possibilitando amplas escolhas de parceiros, muitas mulheres permanecem solitárias ou insatisfeitas em seus relacionamentos com os homens.

A observação da dinâmica que algumas dessas mulheres estabelecem em seus relacionamentos leva a questionar sobre a causa dessa falta de interação e constante frustração na união com a figura masculina, ou o seu afastamento. Algo de comum em seus discursos aponta para a idealização dessa figura, fazendo dela algo que se busca mas que jamais se alcança, pois quando se torna tangível perde seu encanto.

A partir das pesquisas feitas por C.G.Jung (1990), relativas à psique humana, acredita-se que qualquer elemento que a componha transforma-se num complexo. Se excessivamente carregado de afeto, este poderá ter um grande domínio sobre a personalidade consciente, ainda que se mantenha ao nível inconsciente, agindo e pensando por ela. Defende também a teoria junguiana que a psique contém sua contraparte sexual, portanto, o homem que existe no nível psicológico de uma mulher, ainda que ela o desconheça por estar no seu inconsciente, poderá determinar a escolha de seu parceiro, através da projeção. Esse elemento é o animus e tem base arquetípica, mas suas feições estarão tingidas com as características das figuras masculinas com as quais a mulher tenha tido experiências afetivas. Se a figura paterna for excessivamente relevante para ela, constituindo-se num complexo paterno, poderá exercer uma influência que impeça essa mulher de relacionar-se verdadeiramente, já que a interdição da união será uma constante.

De acordo com o conceito de complexo, proposto por C.G. Jung (1990), dependendo da natureza e magnitude do complexo, ocorrerá proporcionalmente o comprometimento no funcionamento psíquico. Assim sendo, a presente investigação visou compreender a influência desse complexo na formação da figura masculina introjetada na mulher, e manifestada através de suas atitudes e formas de pensar, bem como através de sua forma de relacionar-se com os homens; e como o complexo paterno pode interferir na natureza feminina da mulher, legitimando ou não sua identidade; ou seja, a magnitude dessa figura masculina poderá abafar o lado feminino que não terá espaço para desenvolver-se, e assim a mulher fica identificada predominantemente com o masculino.

Segundo propõe a psicologia analítica, o ego é o centro da consciência, mas o centro da personalidade que inclui o inconsciente é o Self. Esse Centro é o ponto de partida e o ponto de chegada na evolução do indivíduo; a essa trajetória Jung chamou de processo de individuação, através do qual ocorre a reconexão com os instintos de modo a haver o alargamento da consciência com a introjeção de elementos até então inconscientes. A respeito dessa trajetória pode-se encontrar indicações através dos sonhos, no decurso da vida, pois eles são considerados também prospectivos, e revelam os nossos complexos. Estes são apresentados à consciência através de imagens, e o confronto com eles pode ensinar-nos a integrá-los. A evolução psicológica, portanto, inclui a integração da contraparte sexual, que na mulher é o animus, e no homem, a anima, o que só poderá ocorrer por intermédio do sentimento de amor - amor por si mesmo.

A psicologia junguiana é também denominada psicologia dos complexos, tal a relevância desse conceito nas teorias de Jung. Era inicialmente denominado de “complexo de tonalidade afetiva”, em função da afetividade ser tida como a “argamassa” da psique. *A afetividade, mais do que uma reflexão, é o elemento que pulsa em todas as nossas ações e omissões. Provavelmente, apenas agimos sob a influência de sensações de prazer e*

desprazer; as reflexões lógicas adquirem força apenas pelos afetos a ela relacionados... A afetividade é o conceito mais geral em que o querer e a ambição significam apenas um aspecto. (Bleuler apud Jung, 1990, p.31) Jung refere-se à afetividade como sendo a base essencial da nossa personalidade. Os afetos portanto, teriam força suficiente para dar direção, interpretação e relevância às idéias, ao julgamento, e conseqüentemente às ações, ainda que esses afetos sejam inconscientes.

Os complexos são núcleos emocionalmente carregados da psique que podem ser não só inconscientes, mas parcialmente inconscientes ou conscientes, eles têm o caráter de *inferioridade* mas também representam os *pontos nodais* da psique, ou centros positivos, dos quais se origina a construção da nossa personalidade, e têm a capacidade de ampliar-se segundo a atração de *representações de um tom emocional* que se relacionem com eles. (von Franz (1992a),

A observação comprovou, segundo afirma Jacobi (1991), que esses complexos não são em número indefinido mas são relativamente constantes, repetidos, como o complexo paterno, materno, de inferioridade, de autoridade, de Édipo, de medo, etc., baseando-se em fundamentos típicos ou *prontidões emocionais*, que ela define como *instintos*. *O núcleo dos complexos se origina no inconsciente coletivo e esses padrões herdados estruturam e coordenam o desenvolvimento da consciência.(...) Um complexo (...) se caracteriza como uma entidade de um número associado de idéias e imagens consteladas em torno de um núcleo central, derivado de um ou mais arquétipos.* (Ruby, 1998, p.20) Os instintos se expressam através de imagens, fantasias, atitudes e atos irrefletidos, num padrão comum à toda humanidade. Portanto, têm um aspecto de manifestação e outro de forma, de imagem (arquétipo), e tanto as *imaginações* quanto os *impulsos* têm relativo grau de autonomia.

O complexo paterno, por exemplo, surge a partir de afetos constelados na relação com o pai real, sendo que este faz conexão, na psique do filho, com o arquétipo do Pai. O afeto que surge na relação se liga à imagem do pai, e ao seu redor vão se aglutinando inúmeros outros afetos segundo as vivências relacionadas à essa imagem.

Em geral, as experiências pessoais são compostas de afetos positivos e negativos, e muitas vezes, para se conviver com a imagem objetiva, pode-se dela omitir tudo o que seja indesejável do ponto de vista da consciência, e vice-versa, ocorrendo então a cisão dos afetos. Sendo dominada pelo complexo paterno, a mulher, além de estar visivelmente ligada ao pai, tem um referencial masculino definitivamente vinculado a ele, e o seu animus será, portanto, a expressão desse complexo. A qualidade dos afetos caracterizam o complexo e lhe oferecem magnitude e força; muitas vezes têm um caráter traumático e outras vezes apenas doloroso e altamente acentuado; também podem ser ativados a partir de um conflito moral ou choque emocional. Mas nem sempre são de caráter patológico, na verdade, eles são dinâmicos e detêm grande quantidade de energia e de afeto, e neles está contida a nossa história de vida.

Sendo o mais forte e o maior complexo da psique, o complexo do ego tem como representante concreto o próprio corpo, já que congrega em si todas as sensações corpóreas. No entanto, o próprio afeto, tendo enervações, propicia a que os complexos atuem ao nível físico, e quando constelados, podem gerar rubores, taquicardia, calor, “frio” no estômago, assim por diante.

Quando alcançam grande autonomia, devido à sua potência e inconsciência, além de dominar a consciência, determinados complexos podem ser projetados no exterior, sendo identificados como objetivos; a pessoa simplesmente desconhece um aspecto que a compõe, e ele assume vida própria. Segundo Jung (1996, p.66) *O complexo, pode ser*

dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar também por conta própria uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria. Quando ocorre tal autonomia, o complexo aflora e age revelando pulsões inconscientes. Jung (1990) acreditava não haver diferença entre uma personalidade fragmentária e um complexo. Nesse caso a ‘atividade da alma’ pode ser sentida pela pessoa como a de um ser que vive num mundo diferente deste, como nas possessões e na psicopatologia.

Sabe-se que o reconhecimento de certos conteúdos de nossa interioridade seria impossível sem o fenômeno da projeção. É ela que nos possibilita visualizar características pessoais desconhecidas em nós mesmos. Mas é freqüente que os conteúdos sejam atribuídos ao “outro”. Von Franz refere-se à projeção como sendo não uma lembrança do pai, por exemplo, o qual um indivíduo captou de forma negativa na infância e que agora projeta nas figuras de autoridade, mas como *um complexo de características que faz parte da pessoa*, portanto, o que ele vê no outro é *não somente a lembrança do pai, falseando a percepção da realidade, mas é, ao mesmo tempo, imagem de uma característica bastante real do próprio indivíduo que projeta, e da qual, porém, ele não tem consciência.* (Von Franz, 1992b, p.10) A projeção nunca ou raramente acontece sem que exista no objeto ao menos uma pequena parte das características projetadas; ou seja, um *gancho* onde se pendurariam os conteúdos da projeção. Se ativa, a pessoa julga no outro aquilo que projeta; se passiva, ela sequer percebe a coisa objetivamente mas sente-se dentro dela, confunde-se com ela.

Por exemplo, *Em geral, o primeiro homem que uma mulher conhece é seu pai, que portanto tem uma influência muito grande sobre a menina. Se a relação com o pai se constela de um modo negativo, a menina reagirá negativamente a ele. O pai, em si, pode ou não ser um homem difícil. A menina pode simplesmente não gostar dele. De qualquer modo, se a relação for negativa, mais tarde ela provavelmente terá dificuldade com os homens e não descobrirá seu próprio lado masculino. No extremo, ela ficará completamente incapaz de abordar os homens. Com certeza terá medo deles. Se o caso não for tão extremo, ela será o que se costuma chamar de uma mulher difícil. Discutirá com os homens, tentará sempre desafiar-los, criticá-los e pô-los para baixo. Ela esperará negatividade da parte deles, e essa expectativa naturalmente criará dificuldades para o parceiro.* (Von Franz, 1992b, p.163)

Tendo constelado em sua psique o complexo paterno, a mulher, além de pautar suas atitudes por um padrão caracteristicamente masculino, projetará nos homens esse complexo. Ela acreditará que o homem concreto que vê com os olhos da sua interioridade é de fato como o vê, já que, em algum nível, e em alguma proporção, ainda que mínima, ele possui características semelhantes àquelas.

O percurso para a presente investigação deu-se através de pesquisa bibliográfica abrangendo as formulações de Jung e de junguianos especialmente sobre a teoria dos complexos, e o fio condutor que ilustra e exemplifica a trajetória deste estudo é o mito bíblico de Sara, do conto História de Tobias, que se casa sete vezes e na noite de núpcias um demônio, Asmodeu, mata seus maridos. Nessa análise, pôde ser ilustrado o aspecto diabólico, destrutivo do animus da mulher, simbolizado nesse personagem - antes de uma relação se consolidar, a mulher afasta o homem que quer conquistar, através de atitudes destrutivas. O conto mostra como um padrão recorrente de conduta é alterado com a constelação do animus positivo. Também se fez menção ao mito de Lilith, o feminino negativo e rejeitado, a sexualidade historicamente reprimida, com o predomínio do patriarcado.

Fez-se um estudo de caso, de paciente atendida em clínica-escola, observando-se a dinâmica projetiva que mantinha com seu companheiro. Tendo dissociada a função masculina na sua psique, essa mulher a projetava nele, em todos os seus aspectos de ação, poder, organização, criatividade, decisão, assertividade, próprios do princípio masculino. Como existe uma interação de ambos os princípios da psique, sem o masculino o feminino não se desenvolve, portanto, a sua feminilidade mantinha-se infantilizada, o que alimentava o papel paterno do seu companheiro.

Também foram realizadas cinco entrevistas com mulheres de idades variadas, das quais três puderam ilustrar o aspecto exacerbado do animus quando há ausência concreta do pai na infância. As entrevistas foram semi-estruturadas, de caráter qualitativo, avaliando e comparando suas experiências com a figura do pai e com os parceiros atuais. O objetivo foi o de tentar apreender seus complexos paternos, sua influência na formação de suas personalidades e nos relacionamentos que mantêm com o sexo oposto, bem como a forma como lidam com sua feminilidade.

Considerando-se a dinâmica consciente e inconsciente da personalidade, este estudo procurou compreender o movimento evolutivo de aspectos intrínsecos à natureza feminina. Na sua busca pelo sentido da existência e das realizações a mulher evolui em sua feminilidade, revelada pela sua capacidade de acolhimento, afetividade, nutrição, criatividade, sentimento, emotividade, bem como nas características que compõem seu lado masculino, expresso pela racionalidade, organização, autoridade, diretividade, assertividade, discernimento. E, no equilíbrio dessas funções, e numa expressão da sua totalidade, vivencia a sua sexualidade.

Seu desenvolvimento, no entanto, pode ficar prejudicado ou sofrer bloqueios em razão da influência de um ou mais complexos em sua psique que enfraquecem o ego, subjulgando-o. A atuação dos complexos de gênero é conjunta, causando uma assimetria que se revela no comportamento da mulher e nos eventos que a envolvem. Inúmeras são as formas expressivas desses complexos, já que cada indivíduo é único e sua história de vida também. Mas elas guardam entre si semelhanças que podem ser reconhecidas.

O mito de Sara mostra a submissão extremada, a passividade e obediência da mulher na era do patriarcado, que não consolidava seus relacionamentos, e na qual se pode supor a repressão da agressividade e da sexualidade enquanto pulsões, cuja expressão foi historicamente reprimida. O conto narra como ela vivia infeliz com seu destino a ponto de desejar a morte. Sentindo-se no limite de uma situação insuportável, entregou-se em oração; esse destino então se modificou: surgiu Tobias, guiado pelo anjo Rafael, que ensinou-o como proceder para livrar Sara do demônio e casar-se com ela.

O complexo que envolvia as características masculinas da personagem, bem como o seu erotismo, davam o tom do seu *animus*. Estava dissociado e agia negativamente, de forma destrutiva, possivelmente porque suas pulsões e afetos eram incompatíveis. Mas assim como a consciência evolui através da integração de aspectos inconscientes, pelo eixo ego-Self, numa relação dialética com o inconsciente, elementos da psique evoluem igualmente, e dessa forma pode-se observar que o *animus* passa por estágios de desenvolvimento. Asmodeu talvez estivesse no primeiro estágio, por demonstrar uma estreita ligação com pulsões primitivas, estando ligado à necessidade de satisfação carnal imediata. *Primeiro ele aparece como mero poder físico...* (Von Franz, 1984, p.189) A força de seu poder, no entanto, possivelmente se devesse ao alimento do erotismo recalcado.

O mito de Lilith fala de um demônio feminino que suga a energia dos homens assaltando-os durante o sono. Foi a primeira mulher de Adão, rejeitada por ele que a via como ser

inferior; Lilith, no entanto, nunca subjugou-se, não admitindo estar sob ele durante o ato sexual. Repudiada, Lilith vagou por toda parte; e um poderoso demônio, Asmodeu, tornou-se o seu esposo. A necessidade de liberdade e movimento demonstrada por ela seria talvez a necessidade de religação à dimensão espiritual.

Pela natureza de Sara, um mito construído na era do patriarcado, não é dada ênfase à sua natureza feminina, sensual; ela estava oculta, reprimida. Mas se trata de uma camada da estrutura psíquica feminina inconsciente, arcaica, que clama por integração, para dar maior abrangência à psicologia da mulher. Lilith representa uma das facetas da personalidade da mulher que não vivencia plenamente sua sexualidade, não a atualiza em termos pessoais, mas a experiencia em termos do que é convencionalizado cultural e socialmente. Se o espaço cultural de Sara não lhe permitia a expressão dessa dimensão psicofísica, ela tinha essa energia inconsciente e dissociada, viva e atuante, mas não a seu favor.

Quando o conto mostra que Sara pede a Deus que a livre daquele ‘opróbrio’ ou lhe tire a vida, tal atitude equivale à entrega do ego à sabedoria do Self, o poder organizador da psique, possibilitando a constelação de elementos inconscientes que não tinham até então acesso à consciência, mas que de acordo com o plano de vida daquele indivíduo, poderiam ser constelados em prol da sua evolução.

Vivenciar a dor pode ser uma via de acesso à interioridade, possibilitando o desenvolvimento da psique como um todo, e nesse caso especial, do *animus* que é revestido com nova roupagem, expressando um grau mais elevado dentro da sua trajetória de evolução. Nesse sentido, o conto mostra o surgimento de Tobias, um homem sensível, sensato e corajoso. Com as qualidades que reúne ele pode estar representando os estágios subsequentes do animus: *No estágio seguinte (segundo) ele tem iniciativa e capacidade de ação planejada. No terceiro, o animus torna-se o verbo, aparecendo muitas vezes como (guia), professor ou clérigo. (Von Franz, 1964, p. 189)* Tobias aproxima-se de Sara e *concebe um grande amor por ela*, arrisca sua vida para salvá-la, e o faz seguindo os conselhos de Rafael. Isso significa que a consciência está agora sob a influência de elementos transcendentais da psique, em consonância com a sua natureza mais íntima. Sara e Tobias casam-se; isto é, realiza-se na psique feminina a *conunctio*, ou união de opostos. Essa passagem permite a aquisição de um novo sentido para a existência, com mais maturidade e responsabilidade diante da vida, de si e do outro. Rafael não tem contato direto com Sara (ego), mas atua como um psicopompo, ou o animus que *...em sua quarta manifestação, (...) é a encarnação do pensamento (...) um mediador da experiência religiosa, através do qual a vida adquire um novo sentido. (von Franz, 1964, p.189).*

A evolução psicológica não é linear, mas parece ocorrer num movimento correspondente ao da espiral em que os mesmos temas são tocados mas sempre num nível diferente da experiência, revelando uma nova face do arquétipo a ela correspondente. Assim sendo, o *animus* revela-se a cada novo contato. Portanto, uma das formas de se entender as figuras masculinas nesse conto é vendo-as como versões do animus de Sara, nos seus diferentes estágios embora atuando simultaneamente. No final da história, aspecto masculino destrutivo já não a ameaça mais e Sara pode ver o homem segundo a sua real natureza, possibilitando assim um relacionamento concreto.

Da mesma forma como se viu no conto, a paciente M. atendida na clínica-escola apresenta uma dinâmica psíquica na qual se pode reconhecer componentes dissociados que dizem respeito à relação homem-mulher. Extremamente frágil e passiva ante os conflitos, vê o masculino como negativo e ameaçador. Atribui a ele a capacidade de conquistas e realizações, dominação e controle, além de considerá-lo privilegiado por sua força e

superioridade intelectual. Dessa forma, rivaliza-se com ele, desvalorizando e negligenciando os próprios atributos femininos. M. via seu ex-marido com essas características e se relacionava com ele em total assimetria, insatisfeita sexualmente, impotente para colocar-se em função de sua auto-denegação. Após a separação, M. foi vítima de um estupro, que a tornou ainda mais amedrontada e que a fez voltar a morar com o ex-marido, assumindo novamente a dependência da qual tentava livrar-se. De forma aparentemente estranha e violenta, a psique que se auto-regula e não admite omissões, parece ter constelado o estupro. Os eventos externos também dão mostras das necessidades de se entrar em contato com determinados elementos. M. insistia em manter-se afastada do masculino pela dificuldade que tinha de interagir com ele, vindo então a sofrer a sua invasão traumática.

A intensidade com que M. projetava seu *animus* negativo em seu marido era flagrante: ele dominava sua vida, seus atos, sua vontade, seus desejos, e qualquer convicção sua se desvanecia ante a opinião contrária dele. Em alguns momentos ela agia com ele como uma filha obediente que quer proteção, mas em outros momentos sentia-se aviltada em sua condição de mulher rejeitada. A ambigüidade de atitudes e sentimentos para com ele era uma constante, ora parecia amá-lo, ora odiá-lo. Quando uma mulher se relaciona com um *animus* tão castrador, ela sabe, inconscientemente que ele tem uma contraparte positiva. Os pólos dessa figura guardam grande semelhança – em última instância são um só - mas estão cindidos na dinâmica atual. Ao projetar seu *animus* negativo num homem concreto, ela pode desejar que ele se transforme – e até achar que ela própria conseguirá mudá-lo, assim como *sabe* que deverá ocorrer com seu homem interior, no entanto, sua forma predominantemente projetiva de relacionar-se faz com que espere que essa mudança ocorra objetivamente, já que desconhece seu mundo interno.

Essa mulher não é muito diferente de Sara: feminina e aparentemente frágil. Seu relacionamento com alguém a quem ela descrevia de forma tão negativa, porém, revelava o seu homem interior: possessivo, castrador, prepotente, sádico.

A partir da conscientização e da relação amorosa dessa mulher com seu animus é que ele poderá transformar-se num elemento mais positivo, pois ela lançará mão dos seus atributos masculinos considerando-os seus próprios, desenvolvendo assim atitudes mais coerentes, discriminadas, além de dar espaço para a criatividade expressar-se em suas ações. De *animus* dominador ele passará a ser o *animus* criativo, aquele que lhe dá os instrumentos para inovar, ou o *animus* herói, que permite à mulher lançar-se na vida corajosamente.

As três mulheres entrevistadas, que não conviveram com o pai na infância, ao relatar suas histórias ratificaram a afirmação de Von Franz (1992a) de que quando se trata de verificar o masculino na psique feminina, complexo paterno e animus ficam indiferenciados, tornam-se um único complexo, uma única forma de expressão e comunicação com o mundo. Elas fizeram alguns revelações em comum, como por exemplo, de quão grandiosa se tornou a imagem paterna a partir do desaparecimento do pai real, a ponto de confundirem-na com a imagem de Deus. Mostraram que mesmo sem se darem conta, os homens com quem se relacionaram tinham, cada um a seu modo, a expressão de um aspecto do pai ausente que elas guardavam na memória ou que fazia parte do aspecto inconsciente do complexo paterno. Cada uma delas viveu uma relação diferente com seu complexo, em função de peculiaridades da sua natureza pessoal, mas todas buscaram preencher o vazio deixado pela ausência de afeto dado pelo pai através dos relacionamentos ulteriores, tendo em relação ao homem uma expectativa exacerbada. Somente uma delas demonstrou ter construído uma relação amadurecida com o companheiro depois de desenvolver a sua própria feminilidade,

e abarcar a sua dimensão instintual não-desenvolvida, o que lhe permitiu diminuir a carga de projeção que colocava sobre o marido. As demais mulheres mostraram-se ainda intensamente dependentes da figura masculina objetiva porque depositam nela suas próprias virtudes e porque aguardam obedientemente ou de forma rebelde a autorização para serem o que desejam ser. Seus discursos oscilam entre a necessidade de independência e a demonstração de que o masculino se configura como uma dimensão inalcançável mas, paradoxalmente, com a qual se identificam. Tendo tido modelos maternos não satisfatórios, a identificação com o masculino ficou facilitada, de um lado pela idealização da figura do pai ausente, e de outro, pela atuação do animus da mãe que ocupou o espaço deixado pelo pai.

O masculino e o feminino estão presentes na psique, ainda que de forma indiferenciada, desde os primeiros instantes de vida de um indivíduo, e tais elementos vão se delineando através dos contatos concretos com as figuras parentais que exercem as funções materna e paterna, predominantemente. O Pai e a Mãe interiores individualizam-se nas relações interpessoais, nas relações com o meio interno e externo, e parece que, na medida em que um peso maior recai sobre um desses arquétipos, desenvolvendo-o desequilibradamente na forma de um complexo, com o outro ocorrerá o mesmo, possivelmente no sentido oposto. Dessa forma, sempre que estiver presente um complexo paterno na psique de uma mulher, isso significa uma dificuldade em lidar com o feminino que ficou sem espaço para desenvolver-se adequadamente, possivelmente por falta de um modelo com o qual a mulher pudesse identificar-se positivamente. Os afetos negativos em relação à figura materna levam à rejeição do modelo que ela representa, havendo uma identificação inconsciente com ele e a conseqüente tonalidade negativa do complexo materno.

A carga afetiva depositada pelas mulheres em seus relacionamentos com os homens é, em geral, bastante intensa, o que por si só traduz a importância deles em suas vidas. Não é difícil de se deduzir, portanto, que na comunhão com o homem está grande parte das possibilidades de desenvolvimento de uma mulher enquanto ser feminino e enquanto ser humano.

A dificuldade está no fato de que a mulher não vê esse homem objetivo como uma projeção do seu *animus*, ainda que ele possa ser puramente uma projeção desse animus. Existem aspectos que faltam à consciência da mulher, especialmente quando ela se envolve afetivamente com um homem: esse homem que ela busca está refletindo aquele que ela tem internamente; suas habilidades relacionadas ao padrão masculino podem não estar desenvolvidas e ela vai querer que ele as realize, estabelecendo assim uma relação de dependência. Essas habilidades dizem respeito à capacidade de transitar no mundo, de comunicar-se socialmente, de ter direcionamento, disciplina e organização em suas realizações, entre outras. Esse homem com quem ela se relaciona pode não estar sendo visto por ela na sua real natureza mas ser unicamente, predominantemente ou parcialmente uma projeção dessas características, dependendo do quão dissociadas estejam em sua personalidade. Quanto maior a dissociação maior o poder de influência que o *animus* terá, e as escolhas serão feitas inconscientemente, de homens que possam atender às necessidades desse complexo, quer por identificação ou compensação. Esse homem interior não é uma imagem única, pronta e definitiva; é uma imagem polarizada; em alguns casos, ou muitos, ela é fragmentada e reflete várias imagens com características múltiplas; essa imagem está passível de desenvolver-se, transformar-se, evoluir.

Essa transformação do animus caminha paralela ao desenvolvimento da mulher. Ela precisa do masculino para caminhar par a par rumo à individuação, após unir-se amorosamente a

ele. Mas essa união é também um caminho que se constrói, depois de desidentificar-se com esse masculino.

A história da personagem mitológica do Livro de Tobias, vista sob a ótica junguiana, pode ser uma forma de entender a dinâmica inconsciente que leva tantas mulheres a uma vida solitária mesmo tendo relacionamentos, sendo estes sempre desastrosos, infelizes ou insatisfatórios. A passividade da mulher já não é mais aceita por ela nem pelo homem dos tempos atuais. Sendo assim, novos comportamentos são adotados para conquistas e para a convivência, em que a mulher atua confiante de seu valor, numa atitude que representa um resgate de sua natureza atávica re-significada agora com o amadurecimento da psique coletiva através do desenvolvimento da consciência.

Ser a parte ativa e conscientemente sedutora de uma relação é para uma mulher uma experiência numinosa ... que pode estar a serviço do Eu feminino.

Somente a disposição para uma auto-análise que leva ao confronto com a inferioridade, características sombreadas da personalidade, e ao sofrimento consciente, para uma – se necessária – reconstrução da personalidade, ou redirecionamento da trajetória de vida, pode permitir que as mulheres enriqueçam a consciência acolhendo seus “demônios” e utilizando, de forma positiva e produtiva, a energia que esses conteúdos dispõem.

A aceitação do animus parece ser uma tarefa que caminha paralela à aceitação do próprio feminino, pois são elementos que se atraem e unidos geram novas possibilidades de realizações psicológicas.

Uma relação consciente da mulher com seu animus – e demais complexos - não a livra totalmente da sua influência, mas esta se dará de forma menos opressiva e ditatorial, pois ela saberá de onde vem aquela voz crítica que quer fazê-la desistir de seus empreendimentos, quando o animus negativo se expressa, por exemplo. Ou ainda, saberá que o estar apaixonada reflete uma intensa projeção do animus com componentes do numinoso. Com o reconhecimento e a aceitação de suas características pessoais, sua natureza feminina, seus defeitos e qualidades, suas pulsões e tendências, anseios e frustrações, a mulher poderá relacionar-se de forma menos projetiva, buscando no homem um companheiro e não uma compensação para suas inferioridades, ou ainda uma confirmação delas.

A investigação quanto à constituição do complexo paterno e a sua influência na psique feminina deixa em aberto a questão das grandes diferenças individuais, conseqüência também das histórias pessoais, que podem conduzir uma mulher a um caminho de desenvolvimento diferente de outra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ACKERMAN, D. **Uma História Natural do Amor.** Rio de Janeiro, BCD União dos Editores S/A, 1997.

CAROTENUTO, A **Amar Trair: Quase uma Apologia da Traição.** São Paulo, Paulus, 1997.

EDINGER, E.F. **Anatomia da Psique – O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia.** São Paulo, Cultrix, 1990.

HILLMAN, J. **ANIMA - Anatomia de Uma Noção Personificada.** São Paulo, Cultrix, 1990.

JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo, Símbolo, na Psicologia de Jung.** 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1991.

- JUNG, C.G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 15.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- JUNG, C.G. **Psicogênese das Doenças Mentais**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1990.
- JUNG, C.G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. 7.ed. Petrópolis, Vozes, 1996.
- JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. 9.ed. Petrópolis, Vozes, 1991.
- JUNG, C.G. **A Dinâmica do Inconsciente**. Petrópolis, Vozes, 1984.
- KOLTUV, B.B. **O Livro de Lilith**. São Paulo, Cultrix, 1988.
- LUZ, F. **A História de Tobias: Um Estudo Sobre o Animus e o Pai**. São Paulo, Escuta, 1998.
- RUBY, P. **As Faces do Humano: Estudos de Tipologia Junguiana e Psicossomática**. São Paulo, Oficina de Textos, 1998.
- SANFORD, J.A. **Os Parceiros Invisíveis: O Masculino e o Feminino Dentro de Cada Um de Nós**. 3.ed. São Paulo, Paulinas, 1986.
- SANFORD, J.A. **Os Sonhos e a Cura da Alma**. São Paulo, Paulinas, 1988.
- SEIXAS, A.M.R. **Sexualidade Feminina: História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama**. São Paulo, Senac, 1998.
- VON FRANZ, M.L. O Processo de Individuação. In JUNG, C.G. **O Homem e Seus Símbolos**, 15^a ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.
- VON FRANZ, M.L. **C. G. Jung: Seu Mito em Nossa Época**. São Paulo, Cultrix, 1992a.
- VON FRANZ, M.L. em conversa com Fraser Boa **O Caminho dos Sonhos**, São Paulo Cultrix, 1992b.
- VON FRANZ, M.L. **Reflexos da Alma: Projeção e Recolhimento Interior na Psicologia de C.G.Jung**, São Paulo, Cultrix, 1992c.
- _____. **Bíblia Sagrada**. 42.ed. Tradução do Centro Bíblico Católico, São Paulo, Editora Ave Maria.